

IOTIZAÇÃO DO DÍGRAFO <LH>

Martín Russo*

RESUMO: Este artigo explana a idéia de persistência de traços fônicos de uma variedade falada nas regiões da trilha dos bandeirantes. O foco de observação traduz-se na articulação fônica e percepção acústica decorrente da pronúncia do dígrafo <lh>.

Palavras-chave: variação fonética, lingüística histórica, iotização.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados obtidos, após análise de um *corpus*, acerca da iotização do fonema <lh> por habitantes das regiões por onde passaram os bandeirantes.

O *corpus* analisado é uma entrevista componente do Projeto Filologia Bandeirante, que busca identificar as influências exercidas pelos bandeirantes sobre o falar dos moradores dos locais por onde passaram em suas expedições. Utiliza-se a entrevista de um informante de 92 anos, da cidade de Bom Sucesso (MG), entrevistado por Angela Cecília de Souza Rodrigues, Heitor Megale e Sílvio de Almeida Toledo Neto.

* Universidade de São Paulo (Graduação).

2. ANÁLISE DOS DADOS

Após a audição da gravação, identificamos 35 ocorrências de produção do fonema <lh>, dos quais 29 apresentam a variante [i], ou seja, casos em que se produz a iotização. Nos seis restantes a variante corresponde a [λ]. As ocorrências são as seguintes:

• <i>trabaíá</i>	... me levou para a roça para trabalhar
• <i>trabaíav(a)</i>	minha mãe trabalhava
• <i>oiav(a)</i>	olhava para atrás
• <i>mais vei du qui'eu</i>	mais velho do que eu
• <i>trabaíãnu</i>	trabalhando
• <i>tra'baíu</i>	que trabalho
• <i>era 'mi(a)u</i>	era milho
• <i>eu trabaíu</i>	eu trabalho
• <i>cum muíê qui vai cumigo</i>	com mulher que vai comigo
• <i>ningueim trabaíav(a)</i>	ninguém trabalhava
• <i>uma agulha có uma ..</i>	temos uma agulha com uma linha
• <i>uma lín cuma agulh(a)</i>	uma linha com uma agulha
• <i>cigá dí paio</i>	cigarro de palha
• <i>fiis</i>	filhos
• <i>10/12 muíê casada</i>	10 ou 12 mulheres casadas
• <i>tava cum onz fia...onzi ffi</i>	eu tava com 11 filhos 11 filhos
• <i>di miyorá, né?</i>	de melhorar, né?
• <i>é omi!! é mulhé/mulhê</i>	é homem! é mulher!
• <i>eu trabaíei</i>	eu trabalhei
• <i>nos trabaíá</i>	nós trabalhava / trabalhávamos
• <i>trabaíá lá</i>	trabalhava lá
• <i>trabaíô lá</i>	minha mãe trabalhou lá
• <i>quand'u jueí deum estalo</i>	quando o joelho deu um estalo
• <i>Com'u joeli incho</i>	como o joelho inchou
• <i>Crio água nu juei(w)</i>	criou água no joelho
• <i>U jueí de vez em quãnu...</i>	O joelho de vez em quando...
• <i>qui tirô água du jueí... cabo</i>	depois que tirou água do joelho...acabou
• <i>Cuá 'muíe deli</i>	com a mulher dele
• <i>eu num scoíu, não</i>	eu não escolho, não
• <i>'miya mulhé ciumenta</i>	descobri que minha mulher é ciumenta
• <i>ma noit cu miya 'fiy(a), né?</i>	uma noite com minha filha, né?
• <i>a mulhé ciumenta</i>	a mulher é ciumenta
• <i>muíê priguicosa</i>	mulher preguiçosa
• <i>si a mulhê...</i>	se a mulher....

Com a transcrição de cada ocorrência do fenômeno observado (da qual voltaremos a tratar mais adiante), observamos algumas recorrências que nos fazem hipotetizar que a variação não decorre de qualquer dado fonético ou fonológico intrínseco à palavra, já que esta aparecia com pronúncias distintas, de acordo com o contexto em que estava inserida. Assim, por exemplo, a palavra “mulher” é pronunciada, na frase “com *mulher* que vai comigo”, como [mui'ε], ocorrendo a iotização. Já em outro contexto, na frase “descobri que minha *mulher* é ciumenta”, o falante pronuncia [muly'ε] / [muλ'ε], sem iotizar.

Posteriormente, detivemo-nos na análise da produção dos seis casos em que se apresenta a variante [λ], por considerarmos a iotização, nesse falante, como variante padrão. Os resultados que explicam o fenômeno podem ser descritos da seguinte maneira:

- quando há influência de traço prosódico, pelo desejo do falante de enfatizar algum trecho da conversa no qual ocorre [λ], ex.: “É homem! É *mulher!*”, em que o falante enfatiza as palavras ‘homem’ e ‘mulher’, a realização é [muly'ε] / [muλ'ε], e não [mui'ε];
- quando o contexto posterior faz com que o falante realize a crase da vogal que sucede o lh com a vogal idêntica que inicia a palavra seguinte. Ex.: em “quando o *joelho* deu um estalo”, a pronúncia encontrada é [Zu'eí], enquanto em “como o *joelho* *inchou*” o falante pronuncia [Zueliñ'fo], realizando em um único som o *i* final de ‘jueli’ e o *i* inicial de ‘inchô’;
- quando o contexto posterior é uma pausa, o que faz com que a iotização não ocorra. Ex.: em “temos uma *agulha* com uma linha”, o falante pronuncia [a'guiá], enquanto em “uma linha com uma *agulha*”, frase na qual a palavra ‘agulha’ é seguida de pausa, a realização é [a'guly(a)] / [a'guλ(a)].

Vale ressaltar que as explicações aqui apresentadas limitam-se a uma amostra pequena. A análise de outros *corpora* nos permiti-

ria ampliá-las e/ou acrescentar novas explicações. Contudo, no momento de fazermos a transcrição das seis ocorrências em que o falante palatiza, deparamo-nos com esta pergunta sobre a sílaba focalizada: "o som emitido é de <Lh> ou de ?"

Para tentar responder a essa pergunta, recorreremos ao programa de computação PRAAT¹ que transforma em espectogramas as ondas sonoras da voz humana. Para usarmos o programa, necessitamos, previamente, gravar falantes em cujas realizações não acontece iotização, para evitar qualquer tipo de ocorrência diferente a [λ]. Esses falantes leram frases redigidas por nós. As frases continham algumas palavras com <lh> [λ] e outras com [ɫ] com a tonicidade variável tanto em uma quanto em outra.

Do universo de frases gravadas foram escolhidas duas para a apresentação de resultados, por representarem de forma mais central e clara o conjunto dos dados:

- (a) "Hélio tem orgulho das folhas do carvalho";
- (b) "Lia e sua filha se aliaram".

Os falantes das duas frases têm 25 e 22 anos respectivamente, e são funcionários de uma escola de línguas em São Paulo.

Uma vez feitas as gravações, passamos à análise dos sons [λ] e [ɫ] com a ajuda do PRAAT. O procedimento foi o seguinte. Inicialmente, isolamos as sílabas onde ocorrem [λ] e [ɫ] com suas respectivas vogais posteriores. Na sequência, submetemos as cadeias de fala ao PRAAT para a elaboração do espectograma de cada sílaba e posterior comparação visual. Depois, observamos os 1º e 2º formantes, tanto de [λ] e [ɫ] quanto da vogal posterior de cada uma das sílabas analisadas².

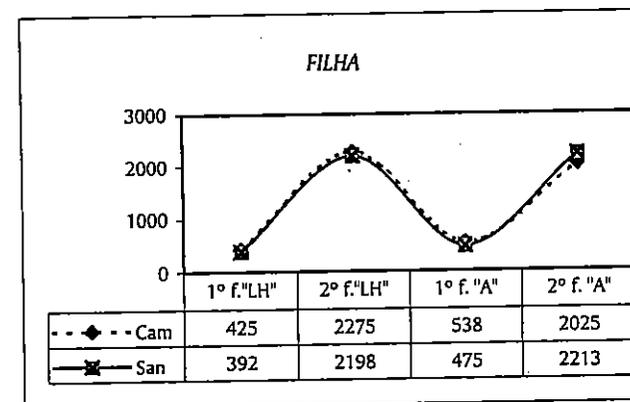
¹ Este programa e pode ser conseguido por meio de *download* da página de internet www.praat.org.

² O primeiro formante nos dá a informação sobre a abertura do som (>abertura > valor); o segundo formante oferece informação sobre o ponto de articulação (+anterior > valor).

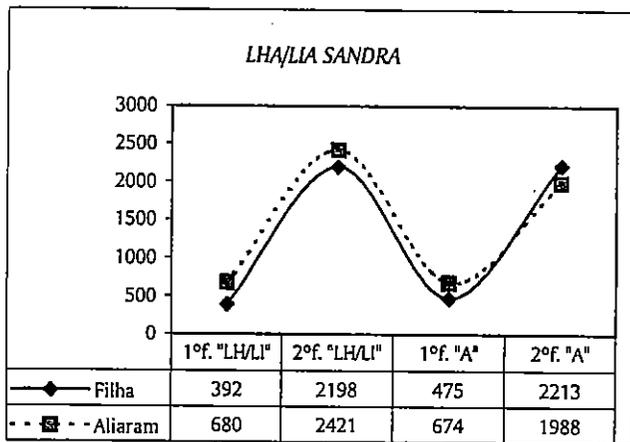
Com os dados colhidos, fizemos dois tipos de comparações³: a) a mesma sílaba pronunciada pelas duas falantes, e b) todas as sílabas com a mesma vogal da mesma falante.

Os resultados apresentaram-se variáveis, conforme informações subseqüentes:

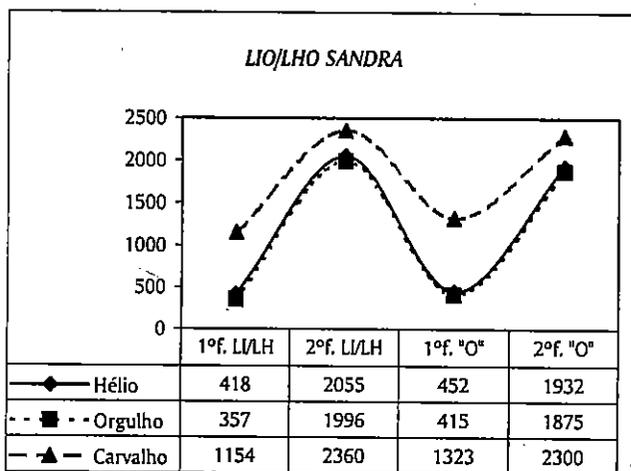
- Os gráficos demonstram uma considerável semelhança entre as sílabas em que aparece a vogal [a], tanto ao compararmos as produções das duas falantes entre si, quanto a produção da mesma falante. Embora os valores de cada um dos formantes sejam diferentes, há um equilíbrio nas curvas de ambos os gráficos.



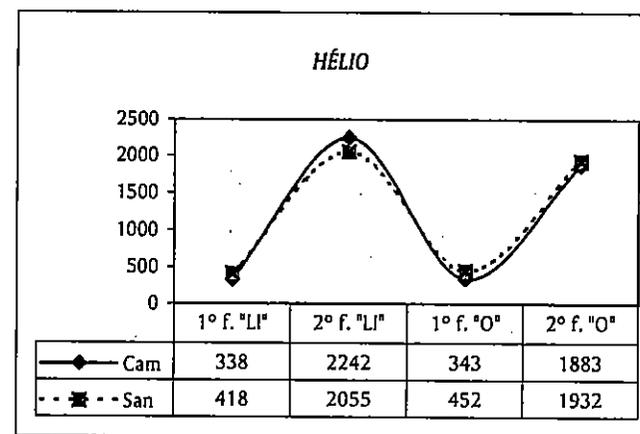
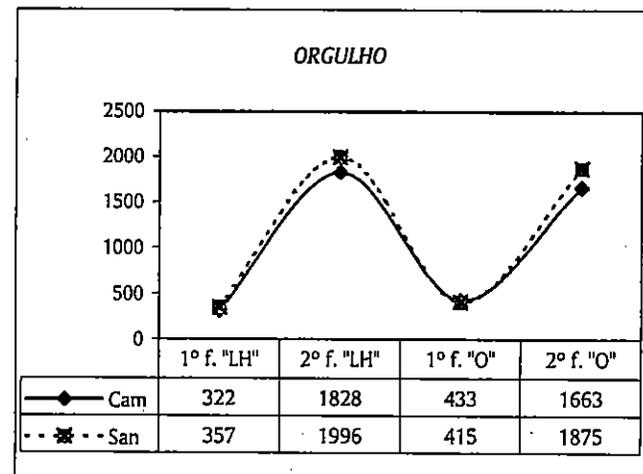
³ As comparações foram feitas por meio do programa EXCEL: os dados foram tabulados e depois demonstrados em forma de gráfico.



- Sobre os gráficos das sílabas que contêm a vogal [o], podemos dizer que, na produção da falante Camila, as curvas apresentam-se variáveis. Já na produção de Sandra, vêem-se curvas quase idênticas nas sílabas correspondentes às palavras "Hélio" e "Orgulho". A curva da palavra "Carvalho" é bem diferente, talvez devido a uma questão prosódica, por ser "lho" a última sílaba da última palavra.



Quando comparados entre si os gráficos de Sandra e Camila, com [o], notamos novamente uma grande semelhança entre as curvas das sílabas em "Hélio" e "Orgulho"; em "Carvalho" as curvas são diferentes.



- É interessante ressaltar que na 2ª frase aparece a palavra "Lia", em que não há possibilidade de variação por ser tônica a vogal [i], o que levaria ao hiato desta com a vogal posterior.

3. CONCLUSÃO

Os resultados descritos a partir da análise fizeram-nos perguntar sobre o porquê da proximidade das realizações observadas. Uma resposta plausível sustenta-se a partir de três aspectos que se combinam:

1. Um dos traços distintivos que compõem o fonema [λ] é a sonorização. A vogal que vem a seguir também é sonora, portanto, no intervalo entre um fonema e outro, as cordas vocais continuam vibrando.
2. Consideremos agora o ponto de articulação em [λ]: palatal, isto é, a língua está em uma posição anterior dentro da cavidade bucal. A vogal que precede [λ] obrigará um movimento de descida por parte da língua. Nesse movimento, a língua passa pela posição do [i].
3. Durante essa passagem, as cordas vocais, vibrando, produzem a realização de um [i] átono.
4. Com a combinação desses fatores, numa velocidade de fala normal, tem-se a variante [ɿ].

Se por um lado é certo que a pesquisa é bem restrita (faltariam ser considerados outros aspectos, como contexto anterior, velocidade de fala etc.), por outro, os resultados obtidos estimulam sua continuidade, pois a pergunta sobre a proximidade entre as sílabas Lh+vogal e Li+vogal é, em boa parte, respondida de maneira afirmativa.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
MEGALE, H. *Filologia bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000.
SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

ABSTRACT: This paper explains the idea of persisting phonic features, from a speech variety found in the Bandeirantes trail. The observation focus is translated into the phonetic articulation and acoustic perception ensuing from the pronunciation of the <lh> digraph.

Keywords: phonetic variation, historic linguistic, iotization.